

Ulysses, 40 anos de luta ao lado da democracia

6-11-89



Ulysses, o mais idoso concorrente

O que será de Ulysses Guimarães, 73 anos, após a eleição? Talvez o País esteja assistindo ao fim melancólico da carreira daquele que se tornou o símbolo mais fulgurante da resistência ao regime militar e um dos principais protagonistas dos últimos 15 anos da vida política. Mas é impossível uma previsão: em se tratando de Ulysses, quem apostar de olhos fechados na aposentadoria poderá ter uma surpresa.

No ano passado, o então Presidente da Constituinte proclamou a nova Carta dizendo-se “com ódio e nojo da ditadura”. Já desgastado, tentava capitalizar a atuação à frente da Assembleia lançando mão de duas de suas principais armas: as frases de efeito e a figura mística do político liberal que liderara a oposição enfrentando cães nas ruas. Uma imagem que começara a ser esculpida com a “anticandidatura”, pelo então MDB, à sucessão do Presidente Médici, em 1973. Começara a nascer ali

o “timoneiro da resistência democrática”, o “senhor diretas”, o avalista da transição via Sarney.

Antes disso, Ulysses tivera mandatos sucessivos na Câmara dos Deputados — de onde nunca mais saiu desde que para lá foi eleito pela primeira vez, em 1950, após um mandato na Assembleia Legislativa de São Paulo, em 1947. Foi Presidente da Câmara de 56 a 58 e, em 1961, Ministro da Indústria e Comércio do gabinete parlamentarista de Tancredo Neves. Mas só voltaria a ter destaque em 1971, quando assumiu a Presidência do MDB — exatamente por ter tido até ali uma atuação discreta, sem “bater de frente” com os militares.

O lançamento da “anticandidatura” pôs Ulysses no topo das forças oposicionistas, com o vácuo causado pelas cassações e pelos exílios. Um ano depois, em 1974, o MDB teria sua primeira grande vitória nas urnas. Mas a unanimidade em torno do

timoneiro sofreu seu primeiro golpe após a decretação da anistia — pela qual o MDB fizera uma intensa campanha — e a extinção do bipartidarismo. A abertura política tornou claras as divergências da oposição, até então limitadas a uma divisão discreta entre “moderados” e “autênticos”. O novo quadro ressaltava o espírito conciliador de Ulysses.

Mas, como sempre, o Deputado dava a volta por cima, conservando o PMDB — e, por extensão, ele mesmo — como principal força da luta pela redemocratização. Sempre com o espírito de frente, o partido acabou chegando ao poder lado a lado com alguém que acabava de romper com o regime a que servira: José Sarney.

No Governo, o PMDB frustrou as expectativas — e o maior ônus coube ao velho timoneiro. Em pesquisa realizada em setembro deste ano, o eleitorado o identificou, entre os candidatos, como o que mais apoiara o regime militar. Uma triste ironia.